

LUGARES DISCURSIVOS NO DISCURSO POLÍTICO

CAMILA FERNANDES BRAGA¹

RESUMO: Neste trabalho, descrevemos como a instituição midiática VEJA produz sentidos do discurso político ao construir uma leitura sobre as candidaturas à Presidência da República no Brasil, nos pleitos eleitorais de 1990 e de 2006. Partimos da hipótese de que a instituição midiática VEJA se coloca no lugar discursivo das elites sociais para enunciar o discurso político. Ao se colocar nesse lugar exerce uma tomada de posição que marca seu lugar de enunciação. Ao produzir sentidos, nas reportagens acerca dos candidatos à presidência da República, procura desidentificar seus leitores de se constituírem sujeitos a partir das idéias preconizadas pelos candidatos de partidos cujo programa defende os ideais da classe trabalhadora. Analisamos, assim, sequências discursivas referentes aos candidatos Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, José Serra e Geraldo Alckmin. Nesta análise, tomamos como arcabouço teórico a Análise do Discurso de linha francesa, pois examinaremos como uma instituição midiática é capaz de constituir-se em uma determinada ideologia e quais são as condições de produção dos enunciados dos candidatos à Presidência da República e dos dizeres da instituição midiática Veja sobre os mesmos.

Palavras-chave: Análise do Discurso, *VEJA*, discurso político, produção de sentidos.

ABSTRACT: This paper aims at describing how VEJA, as a media institution, produces senses in politic discourse. Thus, it will be constructed a reading from Brazilian Presidential Election Process in the election years of 1990 and 2006. It will be taken as hypothesis the fact that VEJA inscribes itself in a discursive place of social elites to enounce politic discourse. In sense production through their reports on candidates of Presidential Election, VEJA tries to misidentify its readers on Worker Class Program. It will be analyzed discursive sequences referring to candidates Luis Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, José Serra and Geraldo Alckmin. Such analysis will take as theoretical framework French Discourse Analysis showing ideological inscriptions from VEJA., as we will examine how a media institution is able to constitute itself in a determined ideology and which are the conditions of the production of the statements of the candidates for the Presidency and the sayings of Veja about them.

KEY-WORDS: Discourse Analysis, *VEJA*, politic discourse, senses production

¹ Aluna de Graduação do Curso de Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Bolsista PIBIC/FAPEMIG/UFU – camilafbraga@gmail.com. Projeto de Iniciação Científica sob a orientação do Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos.

1. Introdução

O estudo que aqui se apresenta intitulado "Lugares discursivos no discurso político" está vinculado ao projeto de pesquisa "A amplitude dos sentidos nas instituições – a memória como prática de leitura" desenvolvido no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

A pesquisa tem como *corpus* artigos da revista *Veja*. Este estudo tem como objetivo geral examinar a amplitude dos sentidos produzidos por uma instância enunciativa sujeitudinal jornalista sobre uma instância enunciativa sentidural candidato à presidência da República, com o objetivo específico de descrever como a instituição midiática *Veja* produz sentidos do discurso político ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República.

Partiremos da hipótese de que a instituição midiática *Veja*, colocando-se no lugar discursivo das elites sociais para enunciar o discurso político, e, ao produzir sentidos acerca dos candidatos à presidência da República, procura desidentificar seus leitores de se constituírem sujeitos a partir das ideias preconizadas pelo candidato do Partido dos Trabalhadores.

Nesta pesquisa, explicitaremos os sentidos produzidos pela instituição midiática *Veja* ao enunciar o discurso político da candidatura à presidência da República nos pleitos eleitorais dos anos de 1990, quando o candidato Luís Inácio "Lula" da Silva concorreu com Fernando Collor de Mello; e 2006, quando Lula concorreu com Geraldo Alckmin.

. Para este estudo serão tomados como arcabouço teórico, conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, para examinarmos os sentidos que subjazem às candidaturas à Presidência da República, produzidos pela instituição midiática *Veja*.

2. A Instância Enunciativa Sujeitucional

Partindo da hipótese de que a instituição midiática *Veja* produz sentidos no discurso político, ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República, faremos uma reflexão acerca de como esses sentidos são produzidos nesta instância enunciativa sujeitucional midiática.

A partir da reflexão teórica realizada por Santos (2009), consideramos a instância enunciativa sujeitucional como uma alteridade de instâncias sujeito no interior de um processo enunciativo. De acordo com esse autor (*op. cit.*), denomina-se instância, pela oscilação discursiva pela qual o sujeito do discurso passa entre um lugar social e um lugar discursivo. Da mesma forma, denomina-se enunciativa, pelo caráter único e singular, balizador das inscrições discursivas de uma instância sujeito, e, por fim, denomina-se sujeitucional pelo caráter de movência contínua em alteridade constitutiva, demarcada por funcionamentos interdiscursivos, os quais evidenciam uma diversidade de tomadas de posição da instância sujeito.

No que concerne à instância sujeito, é preciso discorrer sobre as noções de lugar social e de lugar discursivo, apresentadas por Pêcheux (1997, p.159). A partir da reflexão feita por esse autor, podemos considerar que lugar social é aquele ocupado por um indivíduo que “realmente é ele”, ou seja, tem um nome, família, amigos, lembranças, etc. Esse mesmo indivíduo “passa por um processo de interpelação-identificação que *produz* um sujeito por meio das relações sociais jurídico-ideológicas”. Desse modo, as relações sociais vividas pelo indivíduo o tornam um sujeito ideológico que deixa de ocupar um lugar social para ocupar um lugar discursivo.

A revista *Veja*, tomada como *corpus* neste estudo, configura-se como uma Instância Enunciativa Sujeitucional na medida em que, dotada de determinadas ideologias, passa a ocupar uma posição em um processo de enunciação, ou seja, passa a ocupar um lugar discursivo.

Tornando-se uma Instância Enunciativa Sujeitucional, essa instituição midiática produz sentidos acerca dos candidatos à presidência da República e procura desidentificar seus leitores de se constituírem sujeitos a partir das ideias preconizadas pelo candidato do Partido dos Trabalhadores.

3. Sentido, *efeito de sentido* e Instância Enunciativa Sentidural

Intrínseca à noção de discurso, discorreremos sobre a noção de sentido, que, na verdade, é um efeito enunciativo das tomadas de posição entre instâncias-sujeito em um processo de enunciação.

No que concerne ao sentido, Pêcheux afirma que

(o sentido) é determinado pelas posições sócio-ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (...) e mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (...), isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 1988, p.160)

A partir dessa afirmação, podemos compreender que o sentido é decorrente das condições de produção dos discursos e, conseqüentemente, das formações discursivas dos sujeitos em interlocução. Assim, um enunciado pode ter diferentes efeitos enunciativos de acordo com a natureza da interpelação sofrida pelo sujeito no processo de enunciação. São esses efeitos que determinam as inscrições discursivas dessas instâncias-sujeito.

A esse respeito nos reportamos ao posicionamento de Pêcheux (2006, p. 53) quando afirma que

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (...) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2006, p.53).

Os enunciados podem, assim, se transformar, re-significando sentidos, abrindo espaços para interpretações diversas, pois um enunciado terá um sentido e não outro de acordo com as posições dos sujeitos envolvidos, negando a idéia de que o significado é imanente.

Nas análises explicitaremos como a instância enunciativa sujeitudinal *Veja* move, desloca os sentidos dos dizeres dos candidatos à presidência da República, produzindo outros sentidos do discurso político.

Selecionaremos sequências discursivas nas quais explicitaremos as filiações políticas dos candidatos à presidência da República e da instituição midiática *Veja* o que nos possibilitará compreender as inscrições discursivas e o percurso enunciativo pelo qual *Veja* re-significa sentidos dos dizeres dos candidatos.

Assim, a partir da noção de sentido, discorreremos sobre a instância enunciativa sentidural candidato à presidência da República.

A exemplo do que foi abordado ao discutirmos a noção de instância enunciativa sujeitucional (Santos, 2009), a denominação instância enunciativa sentidural também está relacionada à configuração de um sentido que emerge no interior de um processo enunciativo.

Os candidatos à presidência da República configuram-se como instâncias enunciativas sentidurais na medida em que seus dizeres são tomados pela instância enunciativa sujeitucional *Veja* para que a mesma (re)produza, desloque, os sentidos desses dizeres. Passíveis dessa movência dos sentidos de seus dizeres os candidatos tornam-se instâncias enunciativas sentidurais.

4. Ideologia

Segundo Orlandi (2001), a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O sujeito é interpelado pela ideologia para construir os seus dizeres e, conseqüentemente, a ideologia aparecerá materializada nesses dizeres, o que causa efeitos nos dizeres de uma enunciação. O fato mesmo de não haver sentido sem interpretação comprova a existência da ideologia. Assim, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar e o sentido surge como uma evidência. A ideologia, portanto, tem como trabalho produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições imaginárias de existência.

A ideologia é materializada no discurso e este, por sua vez, materializa-se na língua. Se, então, considerarmos o discurso como a materialidade da ideologia, compreenderemos que ele só existe em um meio social, dotado de uma historicidade característica do contexto em questão. E é nesse contexto, no qual o discurso está inscrito, no qual o sentido é construído. Assim, quando nos deparamos com um sujeito em um processo de enunciação, procuramos verificar sua inscrição discursiva, por meio de sua inscrição ideológica.

No *corpus*, analisaremos sequências discursivas, retiradas de reportagens de duas edições de *VEJA*, referentes aos dizeres políticos relativos às candidaturas à Presidência da República. Nessas sequências, explicitaremos as evidências de significações que remetem a inscrições ideológicas e sócio-políticas que constituem os dizeres da instituição midiática em estudo acerca das candidaturas, buscando informações que evidenciem o lugar discursivo do qual os

candidatos à Presidência da República enunciam e a forma como a instituição midiática produz sentidos, utilizando esses dizeres.

Por meio dessa análise construiremos uma interpretação sobre as manifestações ideológicas, materializadas nos dizeres dos candidatos à Presidência da República e nos discursos que a instância midiática *Veja* inscreve esses dizeres.

Estaremos considerando, assim, as inscrições sócio-políticas dos candidatos e da instituição midiática e, conseqüentemente, conhecendo suas filiações políticas. Nesse sentido, é relevante tomarmos como referência de interpretação, o mecanismo da antecipação, segundo o qual todo sujeito é capaz de se colocar no lugar de seu interlocutor e antecipar-se, assim, quanto às prováveis significações subjacentes aos enunciados realizados por essas instâncias-sujeito. É por meio desse mecanismo que o sujeito consegue hipotetizar o processo de argumentação, visando às significações que se constituirão a partir de seus dizeres.

Nessa pesquisa, explicitaremos que a instituição midiática *Veja* se utiliza desse mecanismo, uma vez que suas inscrições discursivas são enunciadas de forma a construir sentidos de identificação/desidentificação em seus leitores.

5. Condições de Produção, interdiscurso, polifonia e heterogeneidade

Considerando-se os aspectos teóricos que foram levantados sobre a ideologia, aqui entendida como uma concepção de mundo de determinado grupo social, em uma dada circunstância histórica, é relevante discorrer sobre as condições de produção dos discursos.

Segundo Fernandes (2007), “condições de produção são aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do mesmo”, ou seja, os enunciados significam de acordo com as condições em que são produzidos.

Quando nos deparamos com a realização linguageira de um enunciado buscamos compreender seus elementos históricos constituintes. Ao fazer essa análise, entenderemos a utilização de determinado enunciado e “não de outro”, o que nos possibilita a compreensão da produção dos discursos como elemento integrante da História. Considerando o *corpus* em questão, analisaremos sequências discursivas para buscarmos os aspectos históricos constitutivos dos discursos enunciados pela instituição midiática *Veja*. Assim, compreenderemos a produção dos efeitos enunciativos desses enunciados, pois o sentido, como será visto posteriormente, é consequência das condições de produção do discurso.

Ao analisarmos as sequências discursivas, explicitaremos em que condições sócio-político-ideológicas os dizeres dos candidatos e os discursos nos quais a instância enunciativa sujeitudinal midiática *Veja* se inscreve são produzidos.

Entendendo, assim, a relevância do conhecimento das condições de produção dos discursos, é necessário a abordagem teórica da noção de interdiscurso.

Todo discurso está em constante relação com outros discursos. Um enunciado sempre suscitará outro. Essa relação entre os discursos, por sua vez, nos remete ao conceito de formações discursivas que, segundo Orlandi (2001), se define a partir de uma posição dada em certa conjuntura sócio-histórica que determina o que pode e deve ser dito. Isso significa que o sujeito enuncia de acordo com o seu lugar discursivo, ou seja, de acordo com as suas formações ideológicas.

No *corpus* em questão, analisaremos as formações discursivas dos candidatos à Presidência da República e da instituição midiática *Veja*, pois assim entenderemos as formações ideológicas às quais este veículo midiático se filia e, conseqüentemente, os efeitos enunciativos de seus dizeres, uma vez que os sentidos são produzidos de acordo com os lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução.

Ao discorrermos sobre o interdiscurso, aqui entendido como entrelaçamento de discursos, é necessário falar, também, de polifonia. O sujeito existe em um espaço social, em determinado momento histórico, e a sua voz revela esse lugar social ao qual ele pertence. Desse modo, sua voz expressa um conjunto de muitas outras vozes integrantes desse lugar social. E essas vozes outras, constitutivas do sujeito, conferem ao mesmo um caráter polifônico.

Conhecendo-se o conceito de polifonia, analisaremos, nas sequências discursivas selecionadas, as diferentes vozes constitutivas dos discursos dos candidatos à Presidência da República e dos enunciados da instituição midiática *Veja* sobre os mesmos.

Ao afirmarmos que o sujeito é polifônico, estamos afirmando, também, que ele é heterogêneo. Segundo Fernandes (2007), heterogeneidade são as “formas de presença no discurso das diferentes vozes constitutivas do sujeito”, e é subdividida em duas formas: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada.

Heterogeneidade constitutiva é aquela que se apresenta de forma implícita, não mostrada. Ela é constitutiva do sujeito por ser condição de existência dos discursos, uma vez que todo discurso se constitui de discursos outros.

Heterogeneidade mostrada, por sua vez, é aquela que se apresenta de forma explícita nos dizeres de um sujeito e pode ser identificada nas materialidades linguísticas por meio de aspas, negrito, citações e ironias.

Em nossas análises procuraremos identificar as vozes outras constitutivas dos enunciados selecionados, tanto as que se apresentem de forma implícita como as que se apresentem explicitamente. Ao identificarmos essas vozes, identificaremos, também, as formações ideológicas nas quais os sujeitos se inscrevem, assim como as formações discursivas.

Identificar essas vozes outras é relevante na medida em que poderemos descrever como a instituição midiática *Veja* produz sentidos do discurso político ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República, uma vez que essa instituição midiática produz sentidos dos candidatos de acordo com as suas filiações políticas, ou seja, de acordo com suas inscrições discursivas.

6. Aspectos Metodológicos

De acordo com a fundamentação teórica subjacente à Análise do Discurso de linha francesa, é necessário refletir sobre a maneira como a ideologia se materializa no discurso e este na língua. A metodologia de estudo para esta pesquisa será trabalhada, portanto, a partir da análise crítica da enunciação em reportagens compiladas da instituição midiática VEJA.

6.1. Organização do *corpus* em sequências discursivas

A escolha das reportagens da instituição midiática VEJA foi feita a partir da hipótese de que esta se coloca no lugar discursivo das elites sociais para enunciar o discurso político, produzindo sentidos acerca dos candidatos à Presidência da República. Assim sendo, buscamos reportagens que nos possibilitaram comparar a instância enunciativa sentidural candidato à presidência da república Luis Inácio "Lula" da Silva com as instâncias enunciativas sentidurais candidatos à presidência da república Fernando Collor de Melo, Fernando Henrique Cardoso, José Serra e Geraldo Alckmin.

Fizemos, então, recortes de sequências discursivas que mostram como a VEJA constrói sentidos acerca dos candidatos. Procuramos por sequências discursivas que explicitam significações que, mesmo em uma linguagem velada, puderam evidenciar o lugar discursivo

em que VEJA se coloca e como ela produz sentidos sobre os candidatos à presidência da república, se posicionando, assim, frente às suas candidaturas.

Ao fazer os recortes das sequências discursivas nós as colocamos em matrizes com a finalidade de facilitar a localização de enunciados-operadores, os quais trazem evidências das tentativas da instituição midiática analisada em produzir sentidos. Em seguida, analisamos esses enunciados-operadores para, por fim, sintetizarmos percepções acerca de suas condições de produção, levando em conta as inscrições ideológicas subjacentes a VEJA, uma vez que os discursos enunciados por ela representam uma materialidade linguística de uma inscrição ideológica.

7. Análises

Começaremos a análise a partir da sequência discursiva 1 (SD1), encontrada em uma reportagem da instituição midiática VEJA, publicada na edição de 22 de novembro de 1989, a qual faz referência à instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Fernando Collor de Mello. Esta SD é uma epígrafe de uma foto do candidato citado.

SD1 (ver anexo 1):

“A força do primeiro lugar” (aspas do autor)

Collor tem formação universitária, teve pai senador – o alagoano Arnon de Mello – e já foi prefeito biônico da extinta ARENA, deputado do PDS e governador pelo PMDB. Rejeitado pelo partido, contudo, construiu sua campanha praticamente sozinho, montado numa legenda alugada, pregando uma caçada aos marajás, martelando os políticos tradicionais e o governo do Presidente Sarney.

Ganhou disparado.

Ao analisarmos SD1, podemos perceber identificação da instância enunciativa sujeitudinal *Veja* com o candidato Fernando Collor de Mello, uma vez que a natureza das informações colocadas enquanto epígrafe da foto da reportagem aparece com um tom enunciativo de exaltação à figura do candidato descrito.

Inicialmente, temos a ênfase dada pela instituição midiática ao item lexical “força”, no enunciado “A força do primeiro lugar”, que se refere ao primeiro lugar alcançado pelo candidato Fernando Collor de Mello. Essa ênfase é uma expressão de identificação entre a instituição midiática e o candidato na medida em que a palavra “força” contém um sentido de identificação entre a instituição e o referido candidato

Em seguida, percebemos que a instituição midiática demarca superioridade acadêmica do candidato com o enunciado “... tem formação universitária...”. Há, também, uma demarcação de identificação entre o candidato e o universo político expressa em “... teve pai senador ...”.

Adiante, encontramos evidências que demarcam uma política de direita, a exemplo da inscrição discursiva da instância enunciativa sujeitudinal *Veja*. São exemplos: “ ... já foi prefeito biônico ...” e “... deputado do PDS e governador pelo PMDB ...”. Percebemos, através dessas evidências, identificação de filiações políticas entre a instituição midiática *Veja* e instância enunciativa sentidural Fernando Collor, uma vez que, como será evidenciado nas análises, enquanto referência política, *Veja* se posiciona favorável aos candidatos de direita, os quais representam os interesses das classes empresariais, bancárias e de executivos de altos escalões. Essas evidências produzem, também, significação de experiência e superioridade política.

Em continuidade, encontramos demarcação de uma significação de autonomia política, a exemplo de “... construiu sua campanha praticamente sozinho ...” e “... pregando uma caçada aos marajás ...”.

Outra evidência de identificação entre a instituição midiática e o candidato é o caráter reformador atribuído ao candidato pela instituição em “... martelando os políticos tradicionais ...”. E, por fim, a instituição midiática *Veja* sintetiza a superioridade política do candidato com o enunciado “... ganhou disparado ...”.

Essas evidências confluem para uma evidência de identificação entre a instituição midiática e o perfil do candidato, portanto, há identificação entre a instância enunciativa sujeitudinal *Veja* e a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Fernando Collor de Mello.

Continuando a análise, passamos agora para a sequência discursiva 2 (SD2), que faz referência à instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva. Esta SD foi encontrada na mesma reportagem da qual foi retirada a SD1, ou seja, a reportagem da edição de 22 de novembro de 1989, e também é uma epígrafe da foto do candidato Luís Inácio Lula da Silva.

SD2 (ver anexo 2):

“A força do segundo lugar” (aspas do autor)

Lula foi retirante nordestino, seu diploma é de madureza ginásial, trabalhou como torneiro mecânico e começou na política como sindicalista no ABC Paulista. Apesar das críticas à gestão do PT, nas prefeituras que ganhou no ano passado, ele ainda simboliza o protesto contra tudo o que está aí, fez uma campanha apoiado na militância ativa dos partidos de esquerda que o apóiam e conseguiu tirar a segunda vaga de um político tradicional, o gaúcho Leonel Brizola.

Ao analisarmos SD2, percebemos uma desidentificação entre a instância enunciativa sujeitudinal *Veja* e a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luis Inácio “Lula” da Silva.

A primeira evidência dessa desidentificação é o enunciado “A força do segundo lugar”. Neste enunciado, o item lexical “força” significa um sentido de ironia pelo fato de o candidato ter ficado em segundo lugar, posição estigmatizada pela sociedade e, conseqüentemente, pela política.

Adiante, há uma demarcação de desqualificação social do candidato, pela significação atribuída ao enunciado “... foi retirante nordestino ...”. Encontramos, também, uma demarcação de desqualificação acadêmica do candidato no enunciado “... seu diploma é de madureza ginásial ...”. Em seguida, há uma significação restrita do universo profissional do candidato em “... trabalhou como torneiro mecânico...”.

Posteriormente, encontramos evidências enunciativas de filiação do candidato há uma política de esquerda, política esta que o desidentifica com a inscrição política da instância enunciativa sujeitudinal *Veja*. São exemplos: “... começou na política como sindicalista no ABC Paulista ...”, “... simboliza o protesto contra tudo o que está aí ...” e “... fez uma campanha apoiado na militância ativa dos partidos de esquerda que o apóiam ...”.

Por fim, a partir da significação discursiva do enunciado “... conseguiu tirar a segunda vaga de um político tradicional ...”, encontramos uma significação irônica que restringe a significação enunciativa de estar na segunda colocação.

Com esta análise, percebemos uma forte desidentificação entre a instância enunciativa sujeitudinal *Veja* e a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luis Inácio “Lula” da Silva.

Ao compararmos a forma como a instituição midiática *Veja* constrói sentidos sobre as candidaturas à Presidência da República, percebemos, na SD1, identificação da instituição com a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Fernando Collor de Mello e, na SD2, desidentificação da mesma com a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva.

Na SD1, encontramos evidências de exaltação ao candidato Fernando Collor de Mello, percebidas nos enunciados que demarcam superioridade política, superioridade acadêmica, identificação do candidato com o universo político, significações de autonomia política, propensão a um caráter reformador e, principalmente, identificação do candidato com uma política de direita, a mesma política com a qual a instância enunciativa sujeitucional *VEJA* se identifica.

Na SD2, encontramos evidências com um tom depreciativo da *VEJA* em relação ao candidato Luís Inácio Lula da Silva, percebidas nos enunciados que demarcam desqualificação social e acadêmica, significações de restrições no universo político, significações irônicas em relação ao fato de o candidato ter ficado em segundo lugar nas eleições e, principalmente, evidências enunciativas de identificação do candidato com uma política de esquerda, política com a qual *VEJA* não tem identificação.

Portanto, ao analisarmos e compararmos SD1 e SD2, podemos concluir que a instância enunciativa sujeitucional possui identificação com a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Fernando Collor de Mello e desidentificação com a instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva.

Na sequência, analisamos quatro sequências discursivas (SD3, SD4, SD5 e SD6) que nos possibilitaram comparar a forma com que a instância enunciativa sujeitucional *VEJA* constrói sentidos das candidaturas de Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin e José Serra. Essas quatro sequências discursivas foram encontradas em uma reportagem da instituição midiática *VEJA* na edição de 28 de dezembro de 2005.

SD3 (ver anexo 3):

Os livros que marcaram os presidenciais

Uma das maneiras de conhecer o pensamento e medir o preparo de um candidato é saber que leituras o influenciaram. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, por exemplo,

afirmava ser um entusiasta da obra do sociólogo alemão Max Weber. VEJA perguntou aos potenciais candidatos a presidente sobre suas preferências literárias.

Ao analisarmos SD3, percebemos a primeira tentativa da instituição midiática VEJA de desqualificar a instância enunciativa sentidural candidato a presidente da República Luís Inácio Lula da Silva.

A primeira evidência dessa tentativa é o título da SD3: “Os livros que marcaram os presidenciaíveis”. Neste enunciado, encontramos uma significação de caracterização dos candidatos à Presidência da República pelas suas leituras, ou seja, a instituição midiática VEJA faz uma tentativa de mostrar a intelectualidade dos candidatos através dos livros lidos por eles. Percebemos, assim, um silenciamento da tentativa de desqualificação intelectual do candidato Luís Inácio Lula da Silva, uma vez que é de domínio público o seu nível de escolaridade.

Em seguida, no enunciado “Uma das maneiras de conhecer o pensamento e medir o preparo de um candidato é saber que leituras o influenciaram.”, há uma revelação da tomada de posição da instância enunciativa sujeitudinal VEJA percebida na escolha do critério. Essa tomada de posição produz um sentido de desqualificação da candidatura de Lula.

Na continuação da SD3, temos o enunciado: “O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, afirmava ser um entusiasta da obra do sociólogo alemão Max Weber.” A nomeação da leitura do ex-presidente como ilustração evidencia o lugar discursivo em que a instância enunciativa sujeitudinal VEJA se encontra para enunciar sua posição diante da formação de opinião proposta. Tendo em vista a filiação política do ex-presidente, política de direita, percebemos um sentido de identificação política entre a instituição midiática VEJA e o ex-presidente. E essa identificação política, por sua vez, traz um sentido de exaltação da instituição midiática à intelectualidade de Fernando Henrique Cardoso.

No final da SD3, temos o enunciado “VEJA perguntou aos potenciais candidatos a presidente sobre suas preferências literárias.” Neste enunciado, o item lexical “potenciais” revela a tentativa de silenciamento do lugar discursivo em que se encontra a instância enunciativa sujeitudinal VEJA. O item lexical “potenciais”, sintetiza, portanto, na medida em que consideramos a análise de SD2 e, como será visto, a análise de SD4, a opinião que VEJA quer gerar, a de desqualificação intelectual do candidato Lula.

Em seguida, temos

SD4 (ver anexo 4):

Luís Inácio Lula da Silva:

Não consta que o atual presidente tenha lido algum livro na vida.

Nesta SD percebemos claramente a posição sustentada pela instituição midiática Veja. Verificamos a tentativa de desvalorização intelectual da instituição em relação à instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva.

Essa desvalorização intelectual é percebida no enunciado “Não consta (...)” no qual encontramos uma demarcação da ausência de algo que será explicitado posteriormente.

Em seguida, no enunciado “(...)lido algum livro na vida.”, o item lexical “algum” é um índice de indeterminação que significa que, mesmo existindo livros referentes aos mais diversos assuntos, o presidente nunca leu nenhum. Essa ideia é destacada pelo item lexical “vida”, que demarca um tempo longo, ou seja, o presidente nunca leu nenhum livro, de nenhum assunto, durante todos os anos de sua vida.

Ao afirmar que o então presidente nunca leu um livro na vida, a instituição midiática tenta construir uma imagem pejorativa de pessoa que não procura conhecimentos por meio da leitura, caracterizando-o como isento, desprovido de uma postura de intelectualidade.

Continuando, temos

SD5 (ver anexo 5):

Geraldo Alckmin:

“O autor que mais li na vida foi Monteiro Lobato (criador do Jeca Tatu). Da literatura infantil à adulta, gosto de tudo dele. E ele foi muito generoso com a minha Pindamonhangaba.

Ao analisarmos SD5, verificamos a intelectualidade da instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República Geraldo Alckmin conferida pela instituição midiática Veja no enunciado “O autor que mais li na vida foi Monteiro Lobato (criador do Jeca Tatu).” Essa intelectualidade é percebida pelo fato de que o autor mais lido pelo candidato é um autor muito conhecido e de extrema importância para a Literatura Brasileira, além de ter sido conhecido pelas suas ideias socialistas. Esta última característica do escritor preferido do candidato confere a este uma boa impressão: a de ser uma pessoa que se identifica com ideias socialistas.

Em seguida, percebemos a ênfase dada à escolha literária do presidente em “... Da literatura infantil à adulta, gosto de tudo dele.” Neste enunciado, no qual o presidente afirma gostar de tudo do autor Monteiro Lobato, percebemos que há uma ênfase no fato de que o candidato conhece toda a obra do seu autor predileto.

Por fim, no enunciado “... E ele foi muito generoso com a minha Pindamonhangaba.”, percebemos a criação de uma relação patêmica entre a referência literária do candidato e a cidade em que ele nasceu.

Na sequência das análises temos:

SD6 (ver anexo 6):

José Serra:

“Machado de Assis, principalmente os contos e os clássicos Quincas Borba, Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro. De Dostoievski, Crime e Castigo. Do poeta Fernando Pessoa, especialmente seu heterônimo Álvaro de Campos.”

Ao analisarmos SD6, verificamos que a instância enunciativa sujeitudinal VEJA confere um elevado grau de intelectualidade à instância enunciativa sentidural candidato à Presidência da República José Serra.

Logo no início da sequência, no enunciado “Machado de Assis, principalmente os contos e os clássicos Quincas Borba, Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro.”, verificamos a preferência do candidato José Serra pelo autor nacional Machado de Assis. Em seguida, o candidato destaca como seus preferidos, os contos e os clássicos do autor. Ao enunciar essas preferências, as obras mais famosas de um dos autores mais importantes da Literatura Brasileira, percebemos a intelectualidade conferida ao candidato.

Em seguida, ao enunciar sua preferência por Dostoievski, em “(...) De Dostoievski, Crime e Castigo.”, percebemos a ênfase dada à diversificação literária do candidato. Essa diversificação destaca, ainda mais, a intelectualidade conferida ao candidato.

Por fim, ao destacar Fernando Pessoa como outro autor preferido, em “(...) Do poeta Fernando Pessoa, especialmente seu heterônimo Álvaro de Campos.”, verificamos, mais uma vez, a ênfase na diversificação literária do candidato, ênfase esta que atesta um candidato intelectual, conhecedor de distintas literaturas.

Analisando e comparando SD3, SD4, SD5 e SD6 percebemos a desidentificação da instância enunciativa sujeitudinal VEJA com a instância enunciativa sentidural candidato à

Presidência da República Luis Inácio Lula da Silva e identificação de *VEJA* com os demais candidatos. E identificação e desidentificação são resultados, como foi percebido em nossas análises, das formações político-ideológicas de cada candidato e das instituições midiáticas.

8. Conclusão

Ao final das análises das sequências discursivas selecionadas, importa-nos salientar que o discurso é o lugar em que podemos observar a relação entre a ideologia e a língua(gem), uma vez que a ideologia materializa-se no discurso e este é materializado pela linguagem.

Neste sentido, é a partir dos enunciados do sujeito que podemos identificar as suas inscrições em uma formação ideológica, lembrando que, os seus enunciados o inscreve em determinados discursos e estão em constantes diálogos com outros discursos, tornando o sujeito polifônico e heterogêneo.

Nas análises, procuramos apresentar evidências enunciativas que dessem suporte a hipótese de que a instituição midiática *VEJA* enuncia do lugar discursivo das elites sociais, hipótese esta que justifica a desidentificação da instituição com o candidato Luis Inácio Lula da Silva e identificação com os candidatos Fernando Henrique Cardoso, Fernando Collor de Mello e Geraldo Alckmin e José Serra.

Observamos, também, que, como não há neutralidade no discurso midiático, uma vez que este discurso é inscrito em uma ideologia, no caso aqui, a ideologia capitalista das elites bancária e industrial e seus agregados. Assim, os discursos são crivados com a finalidade de exibir tomadas de posição por parte de uma instância enunciativa sujeitudinal, o que resulta, muitas vezes, no apagamento, silenciamento ou esquecimento de acontecimentos e informações. Essa não-neutralidade do discurso nos leva a retomar Pêcheux (2006) quando este afirma que os enunciados podem se tornar outros, podem passar por processos de deslocamentos de sentidos, o que cede lugar para a interpretação, ou seja, os discursos permitem a produção e a resignificação de sentidos.

9. Referências bibliográficas:

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre:EDPUCRS. 2004. 257p.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias**. São Carlos: Clara luz, 2007.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola, 2007

ORLANDI, Eni Pulccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

SANTOS, J.B.C. “A instância enunciativa sujeitucional”. In: SANTOS, J.B.C. (org.) **Sujeito e Subjetividade – Discursividades Contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU. Série Linguística in Focus. Vol. 6. 2009. p. 79-90.